

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

TEATRO

Mostra de Teatro Universitário

12 — 16 MAIO

COIMBRA, 2026



TAGV.PT

Mostra de Teatro Univesitário

Realizada desde 2012, em organização conjunta entre o TAGV e o CITAC, GEFAC, TEUC e Thíasos, a MTU propõe-se dar palco às mais recentes experiências cénicas e dramáticas desenvolvidas no âmbito da Academia de Coimbra.

12 maio 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 50min
M6

TEXTO

Aristófanes

ENCENAÇÃO

Rita Morais

ADAPTAÇÃO

Izabel de Rohan, Tiago Monteiro

INTERPRETAÇÃO

Ana Batista, Duarte Quitério,
Izabel de Rohan, Júlia Novaes,
Júlia Pancada, Leo Nicácio,
Leonor Lopes, Mário Bento,
Tiago Monteiro

PRODUÇÃO

Izabel de Rohan, Paola Pinto

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Tiago Monteiro

LUZ

Lúisa Campos

As Nuvens

Thíasos

As Nuvens é uma sátira mordaz sobre educação, o poder da linguagem e os limites da responsabilidade moral. A história acompanha um homem comum, endividado pelas apostas do filho, que procura uma escola inovadora onde se ensina a vencer qualquer discussão, mesmo estando errado. Entre mestres excêntricos e teorias abstratas, a peça expõe com humor o choque entre pensamento elevado e realidade, mostrando como palavras engenhosas podem ser tão perigosas quanto cómicas quando se afastam do bom senso.

Quem determina qual conhecimento é válido? Quem valida qual conhecimento é correto? Numa adaptação de *As Nuvens*, contemplando a contemporaneidade, tentamos não encontrar uma resposta objetiva e pragmática. Tentamos descobrir quais as implicações e consequências, individuais e coletivas, advindas das decisões de utilizar um tipo de conhecimento e de Raciocínio em detrimento de outro.

Por meio de Estrepsíades, um pai desesperado para pagar as próprias dívidas adquiridas seja por descuido próprio seja por ações impensadas do próprio filho:

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

SOM

Mariana Pena

FIGURINO

Lara Mateus, Rita Morais

CENÁRIO

Catarina Barros Luis, Rita Morais

EXECUÇÃO DE CENÁRIO

Produção coletiva Thiasos

CARACTERIZAÇÃO

Cali Almeida, Rute Marques

MAQUILHAGEM

Beatriz Gonçalves

EXECUÇÃO DE MAQUILHAGEM

Beatriz Gonçalves, Cali Almeida

FOTOGRAFIA DE CENA

Paulo Góis

DESIGN E PEÇAS DE DIVULGAÇÃO

Eulália Marques

Fidípides, detentor de um grave vício em corridas de cavalos. E qual o melhor remédio para um problema de cunho monetário? Correr atrás de auxílio, não de empréstimos – não há tempo, tampouco reputação de sobra para isso!

Atrás dessa ajuda, Estrepsíades recorre ao pensatório, local no qual aparentemente está contido todo o conhecimento humano e de seu mestre, Sócrates, que serve como causa do aparecimento do nosso Corifeu e Coro de Nuvens – deusas, e o público decide se autênticas ou falsas, dispostas a ajudar e aconselhar Estrepsíades na sina pessoal dele, mesmo já sabendo qual o afluir final. Essas Nuvens são uma ponte entre o que é dito em cena, o que fica subentendido e o que o público precisa palatalizar antes de supor.

Além disso, por debaixo de todas as piadas e todo o apelo cómico, nossa produção questiona se é possível apontar uma causa única para manipulações de ideias que configuram um sistema de desinformação. Mais do que isso, nossa montagem pergunta: restam armas morais, linguísticas ou políticas nas quais nos apegarmos quando o conhecimento e a pós-verdade se entrelaçam num marasmo que se espalha tão rápido quanto fogo em palha?

— Rita Morais, encenadora

ENTRE SUCESSOS E FRACASSOS. NUVENS DE ARISTÓFANES

Corria o ano de 423 a.C. Um jovem poeta de nome Aristófanes, já com alguns sucessos acumulados no seu palmarés, arriscava uma ousadia – as suas *Nuvens*, “a melhor de todas as comédias que já compus e que me custou um trabalho daqueles”!

Era novo o tema? Não, não era. Já antes, o próprio Aristófanes tinha ensaiado um caminho semelhante, na primeira das peças que levou à cena, Celebrantes do banquete: pôr a ridículo os mestres e a pedagogia do momento. E, na verdade, não estava só nessa preferência; outros poetas seus rivais – Cratino, Amípsias, Êupolis – tinham dado os mesmos passos. Algo na vida de Atenas do momento sugeria esta caricatura como oportuna. Os Sofistas e Sócrates davam nas vistas, com as suas teorias científicas e humanísticas, mas sobretudo com aquela verborreia impenetrável, mas – quem o diria?! – vencedora. O que quer dizer que, além do tema, os visados na paródia eram também mais ou menos os mesmos e os traços da caricatura equivalentes.

Não era pouca a dose para satisfazer ao mesmo tempo os intelectuais, mas também a populaça. Importava empacotar bem o produto. E aí, Aristófanes apostou num pai e num filho – a parelha do costume –, convertidos em dois alunos de uma só escola, moderna como nenhuma outra ... imagine-se, o próprio Pensadoiro! O motivo para ir à escola estava longe de ser o que pareceria natural: o amor ao saber. Não, não se tratava disso. A ideia era mesmo escapar aos credores com uma fórmula mágica: que aquilo que se deve não se deve.

O moço era gastador, arruinou a família com a mania dos cavalos. E quando se tratou de sair da fossa, não esteve pelos ajustes, baldou-se. E aí vai o pai, velho e caquético, tentar a aventura. O que se poderia esperar de tal ensaio? Um chumbo redondo, já se vê. Expulsão da escola por indecente e má figura.

O desespero pode muito. Foi então que o menino lá se dignou mexer-se e colaborar. E desta vez, sim! Que sucesso! Mal atravessava ainda o limiar do Pensadoiro, diploma debaixo do braço, e já o pai lhe reconhecia na cara aquela desfaçatez salvadora de que andava mesmo precisado. As provas dadas foram de tal ordem que não só os credores levaram uma corrida. Até o próprio pai, num desacordo daqueles que sempre existem entre pais e filhos – sobre os poetas preferidos por cada um, veja-se lá! – levou uma sova do rapaz; o que não seria muito ..., se não viesse acompanhada de um argumento poderoso: se um pai bate no filho criança para seu bem, não será lógico que o filho retribua para bem do pai?! Foi aí que o velho percebeu que afinal os mestres seus vizinhos vendiam caro uma banha da cobra perigosa e não esteve com meias medidas: incendiou o Pensadoiro!

Tinha graça e força o enredo da peça? Tinha! Mas foi um fracasso. Se o poeta era bom e a peça a melhor que lhe tinha saído da cabeça, o que falhou? Inconsolável, Aristófanes apontou um dedo acusador ao público, que ele julgava capaz, mas que afinal não era ainda o consumidor certo para o que o próprio autor reconheceu como uma peça ‘sisuda’. Talvez tudo estivesse correto menos a dose. A peça era exigente, o público da altura impreparado.

Mas passados 25 séculos, somos nós hoje a fazer-lhe justiça. Nuvens são uma grande peça, um testemunho de um contexto cultural de primeira ordem ... mas, reconheçamos, talvez lhe falte mesmo assim um pouco do tempero mais acre das peças de sucesso!

— Maria de Fátima Silva, Investigadora Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

13 maio 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 50min
M6

ENCENAÇÃO E COREOGRAFIA
Cláudio Vidal

ENCENAÇÃO E COORDENAÇÃO
ARTÍSTICA
Margarida Lima, Miriam
Bernardino e João Oliveira

INTERPRETAÇÃO
Samuel Andrade, Matheus
Almeida, Bruno Cunha de Biazzi,
Nilton Carvalho, Maria João
Carvalho, Mariana Alegria,
Ana Carolina Pereira, Sara Ferreira,
Inês Pinto, Maria Peão, Beatriz Riso
Oliveira, Carlota Duarte,
Cristiana Santos, Tomás Costa,
Mariana Machado, Luís Cavalcanti,
Maria Rodrigues, Madalena
Laranjo, Luiz Curi

IMAGEM E COMUNICAÇÃO
Sara Ferreira, Maria João Carvalho

DESENHO DE LUZ E DIREÇÃO TÉCNICA
Mafalda Oliveira

AGRADECIMENTO
Faculdade de Psicologia e Ciências
da Educação da UC, Reitoria UC,
Mimesis, Teatro Académico
de Gil Vicente

(un)Dress. (a)Dress
InterDito

Este espetáculo foi encenado em torno de uma história de um casamento desmanchado, de um vestido de noiva escolhido e comprado e que nunca chegou a ser utilizado. Símbolo de expectativas logradas, resvala da idealização para o vazio e a perda. Perdeu-se o momento. A dessincronia levaria a que a possibilidade do encontro belo não se realizasse. Em grego clássico a palavra para bonito ou belo é *ὄραιο*, *hōraios*, um adjetivo que vem da palavra *ὥρα*, *hōra*, que significa “hora”. No grego, a beleza, então, era associada a “estar na sua hora/no seu momento”. Nas palavras de Fernando Pessoa in *Livro do Desassossego*: “O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e, em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspeto da criatura, por eles vestida”. A encenação coreográfica foi coletivamente construída a partir do objeto vestido de noiva, em que atores/bailarinos vestem e despem os seus preconceitos e as suas mágoas. Símbolo de expectativas logradas, o enredo resvala da idealização e do desejo para o vazio e a perda. A perda do momento, do ideal “faz surgir o corpo real da pessoa, em que o vestimos”. Encenação coreográfica com inspiração em Zygmunt Bauman, na *contact improvisation*, movimento autêntico e *animal flow*.



TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

14 maio 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 1h45
M6

TEXTO ORIGINAL

Sergi Belbel

TRADUÇÃO

Luna Caballero
Adaptação Fabiana Sargaço
Encenação Laura Afonso,
Luna Caballero

INTERPRETAÇÃO

Diogo Duarte, Miguel Viseu,
Joana Carvalho, Mafalda da Silva,
Rita Rato, Inês Freitas,
Laura Oliveira, Luna Caballero,
Inês Pereira, Margarida Marçal,
Mariana Rodrigues,
Francisco Mesquita, José Mendes

PRODUÇÃO

Ana Teixeira, Diogo Vaz, Fabiana
Sargaço, Inês Tavares, Sara Oliveira

DIREÇÃO DE ATORES

Constança Pereira

MÚSICA E SONOPLASTIA

Amélia Vieira, Leandro Morais,
Maria Castelhana,
Winicius Paganotte

FIGURINO

Ana Margarida Cardoso, Carolina
Gomes, Margarida Campos,
Sofia Monteiro

CENÁRIO

Ana Sousa, Beatriz Santos,
Gabriel Amado, Joana Job,
Margarida Oliveira, Sofia Rodrigues

Se Não Te Tivesse Conhecido

CAI

Nascemos de Fado traçado ou detemos de livre-arbítrio para o moldar? E se fosse possível reforçar as decisões do passado? Existirão realidades paralelas em que caminhamos por cada uma das estradas que escolhemos não tomar? Após a morte da esposa num acidente de viação, Eduardo embarca numa viagem entre as labirínticas camadas do tempo, determinado a escapar ao curso do Destino. Nesta adaptação da obra de Sergi Belbel, é contada uma comovente história de amor que, de mãos dadas à ficção científica, adentra universos paralelos, levantando questões sobre as bifurcações da vida.

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Diogo Vaz, Henrique Marques,
Mónica Pinto

DESENHO DE LUZ

Fabiana Sargaço, Margarida
Oliveira

TÉCNICO DE SOM

Fabiana Sargaço

TÉCNICO DE LUZ

Margarida Oliveira

AUDIOVISUAL E FOTOGRAFIA

Amanda Cardoso, Ana Margarida
Cardoso, Leonor Santos, Leonor
Serra

APOIO

Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

15 maio 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 1h00
M12

INTERPRETAÇÃO

Ana Marques Nogueira,
Bruna Marques, Catarina Durão,
Jorgette Dumby,
Margarida Monteiro,
Maria Antónia Torres
e Verónica Zanon

UMA CRIAÇÃO COLETIVA
CITAC

ENCENAÇÃO
CITAC

APOIO À ENCENAÇÃO E MOVIMENTO
Maria Ramos

PRODUÇÃO
CITAC

DESENHO DE LUZ
Ana Marques Nogueira e CITAC

MÚSICA E PRODUÇÃO MUSICAL
Aurora nas Nuvens

OPERAÇÃO DE LUZ E SOM
Maria Luísa Forjaz

Alvorada CITAC

Quando acordamos já há muita gente a trabalhar. De alvorada partem das suas casas e famílias e preparam o dia para os que vêm. Não deixam a noite desmotivar um novo dia, procurando no raiar “força para consolidar”. Estas madrugadas são escritas no feminino. *Alvorada* corta os padrões que ainda nos são incutidos por uma sociedade que associa a beleza ao ócio, que coloca a mulher num padrão petrificado e mofado. Uma performance-dança que mostra a beleza do esforço físico femenino. A partir da exaustão e do movimento do corpo surge a poética do trabalho “cor-de-rosa”.

FIGURINOS
CITAC

DESIGN GRÁFICO
CITAC

FOTOGRAFIA
Teresa Martins



TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

16 maio 21h30
auditório TAGV
duração aprox. 1h30
M16

criação e interpretação

Gabriel Figueira, Lara Parreira,
Leandro Cotrim Dias,
Luísa Rosmaninho,
Mariana Matos, Raven Adara
do Canto, Víctor Hugo Arantes
de Carvalho

encenação

Hugo Inácio

DRAMATURGIA

Criação Coletiva

DESENHO DE LUZ

Simão Lopes

MÚSICA

DJ No New News (*As Princesas*
Também Fazem Cocó)

OPERAÇÃO DE LUZ E SOM

Formandos do Curso
de Técnica de Luz e Som do TEUC

CENOGRAFIA

Criação Coletiva

FIGURINOS

Carolina Moreira

COMUNICAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Maria Vitória do Valle

PRODUÇÃO

TEUC

APOIO

Universidade de Coimbra, MÁFIA,
TAGV, CITAC, GEFAC, A Cabra,
RUC, Linha de Fuga,
A Escola da Noite, IPDJ

AGRADECIMENTO

Arturo Bernal

Coimbra The Best City To Live And To Love TEUC

O TEUC, o teatro universitário mais antiga da Europa, apresenta encenação assinada pelo emergente intelectual, dramaturgo e programador sem vencimento do Convento São Francisco, Hugo Inácio. O elenco é formado por atores e atrizes que prometem um futuro risonho ao teatro português. De acordo com o Diretor, *Coimbra, the best city to live and to love* é uma obra original de Shakespeare, escrita às margens do rio Mondego. Ressecado de Hamlet, pela primeira vez, dá protagonismo a uma mulher, Cindazunda, que vive no meio do terrível confronto entre Alanos e Suevos. Será ela, no auge dos seus 15 anos, capaz de criar um vínculo de paz? Eis a questão.

Este projeto é desenvolvido por intérpretes em formação no curso bianual do TEUC – Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra. Fundado em 1938, o TEUC é uma das mais antigas estruturas de teatro universitário em Portugal, tendo desempenhado um papel fundamental na renovação estética e política do teatro português ao longo do século XX. Ao longo da sua história, afirmou-se como um espaço de experimentação, liberdade criativa e formação artística, tendo sido ponto de passagem para diversas gerações de criadores. A sua atividade cruza criação, pedagogia e intervenção cultural, mantendo uma ligação profunda à cidade de Coimbra e ao contexto académico. É neste enquadramento que surge *Coimbra, The Best City to Live and to Love*, como resultado de um processo formativo que privilegia a criação coletiva e o pensamento crítico.

Coimbra, The Best City to Live and to Love é uma criação teatral contemporânea que emerge do trabalho coletivo de um grupo de intérpretes que se reconhecem na linguagem do bufão, na sátira e na desconstrução das narrativas dominantes. Este espetáculo propõe uma experiência performativa que cruza humor, violência simbólica, crítica social e uma constante fricção entre o grotesco e o poético.

A peça desenvolve-se a partir de uma reescrita ficcional da história de Coimbra, apropriando-se de mitos fundadores, discursos religiosos e estruturas de poder para questionar o modo como as identidades culturais são construídas, narradas e consumidas. Ao longo da obra, o público é confrontado com um jogo permanente entre representação e exposição, entre ficção e realidade, entre o riso e o desconforto.

TEATRO ACADÉMICO DE GIL VICENTE

MORADA

Praça da República
3000-343 Coimbra

BILHETEIRA

Segunda a sexta-feira:

17h00 — 20h00

Sábados, domingos e feriados:
encerrada.

Em dias de eventos: abre duas
horas antes e encerra uma hora
depois do início do espetáculo.

Online: tagv.bol.pt

TELEFONE

239 855 630

EMAIL

teatro@tagv.uc.pt

FACEBOOK:

@TeatroAcademicodeGilVicente

INSTAGRAM:

@teatroacademicodegilvicente